

Na rede privada, evoluiu de 0,6 para 3,4%. “Em relação ao ensino superior, permaneceu a tendência de democratização no acesso às duas redes, fazendo com que os estudantes provenientes dos estratos de renda com menores rendimentos ampliassem sua participação, enquanto os estudantes pertencentes ao quinto com maiores rendimentos se tornassem menos representativos no total”, conclui o documento.

Entrar na universidade era uma prerrogativa dos mais ricos até 2004, especialmente nas universidades públicas. Naquele ano, de acordo com a Síntese anterior, uma parcela de 20% de estudantes filhos de famílias com renda acima de 4,5 salários mínimos representava 55% dos universitários da rede pública e 68,9% da rede particular. Nove anos depois, essas proporções caíram para 38,8% e 43%, respectivamente, e os 20% mais

pobres, que representavam 1,7% dos universitários da rede pública, chegaram a 7,2%. Os dados constam da Síntese de Indicadores Sociais (SIS), do IBGE. Na rede privada, a presença dos mais pobres mais do que dobrou, saltando de 1,3% para 3,7%. A proporção de estudantes de 18 a 24 anos na universidade passou de 32,9% em 2004 para 55% em 2013. A escolaridade média da população com idades acima dos 25 anos aumentou entre 2004 e 2013, passando de 6,4 para 7,7 anos de estudo – e de forma mais acentuada entre os 20% com menor renda, que elevaram de 3,7 para 5,4 os seus anos de estudo.

Além do contexto favorável à ampliação do acesso ao ensino superior, proporcionado pelo aumento do nível educacional da população e pelas melhorias nas condições econômicas das famílias que liberam jovens para seguirem estudan-



Franciele, primeira de quatro irmãos a entrar para a universidade

do ao invés de se dedicarem exclusivamente ao trabalho, a democratização do acesso ao ensino superior foi estimulada por uma série de políticas públicas. Essas políticas vão desde o aumento das reservas de vagas nas instituições públicas direcionadas aos alunos de diferen-

tes perfis (portador de deficiência, procedente de escola pública, com baixa renda familiar, etnias específicas etc.) até o aumento do financiamento estudantil reembolsável como o Fies e não reembolsável como o ProUni, disponível aos alunos das instituições privadas.



FRAGA

# Nomes, names, nombres

*Homófono é um hidrófobo que não lembra que é composto de 70% de água.*

**T**enho uma tese (são trocentas mas agora só cabe uma): não é só anatomia que é destino (segundo o Sig-mund, que não ousou imaginar a vinda de transgêneros). Nome de batismo também pode ser.

Que tal William Shakespeare? 400 anos de bagagem a partir da perfeita junção de um prenome muito comum e um sobrenome nem tanto. Tire o William, ponha Maicon, Maicon Shakespeare. Agora teste quantas peças clássicas do bardo resistem à nova autoria. Ouça as vaias.

O próximo na minha tese é outro quatrocentão, Miguel de Cervantes. Leia alguém como Miguel De-

cer Vantes. Não cola: Dom Quixote encalharia na primeira edição!

Na ficção, nome é tudo. Basta trocadilhar um casal e a tragédia vira comédia, o maior amor do mundo acaba nas declarações: – Eu te amo, Rometa Capulecchio! – Eu também, Julieu Monteto!

Mas há exceções, claro. Os pioneiros nas proezas espaciais, até com pilhéria soariam como nomes eternos. A gente inverte os heróis, e a memória e a homenagem continuam: Neil Gagarin e Yuri Ármstrong. Lembra deles?

Além de Fraga, sou Guaraci, sol em tupi-guarani. Guaraci encontrei muitos e algumas Guaraci me encontraram. Uma delas, vizinha e mais velha, era mais que Guaraci – era dona Guaraci. Diante dela, meu Guaraci se desorganizava, a Guaraci dela comandava. Perto dela, minha masculinidade se ambigüava, até uma voz mental murmurar: Guaraci, essa dona Guaraci, com esse nome, também não é

muito feminina. A identidade se firmou na raridade desses encontros: desde o outro século nunca mais vi esses e essas Guaracis hermafroditas. Quase não há mais senhor Guaraci nem senhora Guaraci, duvidades nominais fora de moda. Minha mãe, que escolheu Guaraci, quase incluiu uma Guaraci na família. Fomos salvos, o irmão mais velho e a irmã caçula, pelo anagrama também indígena: Guacira, um amor de pessoa.

Idem as coisas: elas dependem muito do rótulo vocabular perfeito, exato. E se em vez de socorro fosse mixórdia? Calcule a mortandade por falta de ajuda. Se se chamassem paralelepípedos, os merengues seriam tão deliciosos? Tré-gua pede paz mas eu acho que aná-gua

pacificaria muito mais. Extraordinário é quando algo inominável ganha pronúncia, como trique-trique rolimã – não diz nada nem carece explicação.

Na audácia da denominação, até pra dar nome aos bois ou passarinhos há que ter noção. Pra você confirmar o poder dos nomes, avalie comigo: não é bom que o papa seja Francisco e o Jair, Bolsonaro? Puizé.



Ilustração: Sen